

DESINFESTAÇÃO E ESTABELECIMENTO *IN VITRO* DE *Schinus terebinthifolius* Raddi

Sthefany Hevhanie Vila Verde Souza¹; Kátia Nogueira Pestana de Freitas²; Daniel Vitor Pereira Santos³; Mariane de Jesus da Silva de Carvalho⁴; Weliton Antonio Bastos de Almeida⁵

¹Graduanda em Fisioterapia (FAMAM), voluntária do PROINC/FAMAM, sthefanyhevhanie@yahoo.com; ²Doutora em Genética e Melhoramento (UFV), FAMAM, katypestana@yahoo.com.br; ³Graduando em Farmácia (FAMAM), danielvitor5@hotmail.com; ⁴Doutora em Ciências Agrárias (UFRB), FAMAM, marianejs@yahoo.com.br; ⁵Doutor em Fitotecnia (USP), FAMAM, weliton@famam.com.br

A aroeira vermelha (*Schinus terebinthifolius* Raddi), presente na lista de plantas medicinais de interesse ao Sistema Único de Saúde (SUS), é bastante utilizada para tratar episódios de candidíase, diarreias, gengivite e outras patologias. Entretanto, seu extrativismo pode colocá-la em extinção devido à erosão genética. Assim, necessita-se de medidas preventivas para a redução desse impacto negativo na natureza. Dessa maneira, a micropropagação é de grande utilidade, pois proporciona a produção de plantas com qualidade fitossanitária, em larga escala e em menor tempo. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi avaliar o efeito de concentrações de hipoclorito de sódio e tempos de imersão na desinfestação de explantes de *S. terebinthifolius*, além do tipo de meio nutritivo e a concentração do regulador de crescimento 6-benzilaminopurina (BAP) e de carvão ativado no estabelecimento *in vitro* de explantes dessa espécie. Foram coletadas sementes, segmentos nodais, apicais e discos foliares da espécie, desinfestados em câmara de fluxo laminar em álcool a 70% em diferentes tempos (30s; 2 min; e 3 min), seguida da imersão em solução de hipoclorito de sódio e água nas concentrações de 1:1 e 2:1 sob diferentes tempos (2,5; 3,0; 4,0; 5,0; 6,0 e 10 min) com posterior lavagem em água destilada autoclavada, por três vezes. Após a desinfestação, os explantes foram inoculados em meios de cultura MS e WPM, suplementado com 30 g L⁻¹ de sacarose, com diferentes concentrações do regulador de crescimento BAP (0,0; 0,5; e 1,0 mg L⁻¹) e de carvão ativado (0,0; 1,0; 2,0; e 3,0 mg L⁻¹). Após diferentes épocas de observação, os experimentos foram avaliados quanto à contaminação por bactéria ou fungo, assim como no que se refere à presença de oxidação e de explantes responsivos. Os experimentos foram estabelecidos utilizando o delineamento inteiramente casualizado. Foi possível observar no processo de desinfestação que 100% dos explantes oriundos de segmentos nodais apresentaram contaminação bacteriana, oxidação e não sobreviveram, independente da concentração e tempo de imersão em solução de hipoclorito de sódio. Quando as sementes foram imersas em álcool a 70% durante 30 segundos e em solução de hipoclorito de sódio e água 1:1 por 10 minutos, não ocorreu contaminação e oxidação nesses explantes. Entretanto, mesmo com o controle da contaminação nesse tipo de explante, a espécie apresentou dificuldade para regeneração dos mesmos, pois muitas sementes emitiram raiz sem formação de parte aérea (87,5%), sendo observado 12,5% de explantes responsivos provenientes de sementes. Além disso, o meio nutritivo que proporcionou a regeneração *in vitro* da aroeira a partir de sementes foi o WPM enriquecido com 3 g L⁻¹ de carvão ativado e 1 mg L⁻¹ de BAP. Dessa forma, observa-se que a alta porcentagem de oxidação dos segmentos nodais e a baixa porcentagem de regeneração de plantas de aroeira oriundas de sementes utilizando a metodologia deste trabalho, indica a necessidade de avaliar e ajustar os fatores que dificultam



o estabelecimento *in vitro* dessa espécie, sendo necessário a realização de estudos posteriores para definição de um protocolo eficiente de estabelecimento *in vitro* da aroeira vermelha.

Palavras-chave: Aroeira. Planta Medicinal. Cultivo *in vitro*.